



Juventude e religiosidade: cartografia dos processos de subjetivação de jovens católicos em uma comunidade de fé

Youth and religiousness: mapping the subjectivation processes of the catholic youth in a community of faith

Mary Rute Gomes Esperandio*

Alexsander Cordeiro Lopes**

Resumo

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa motivada pela constatação de que muitas subjetividades juvenis católicas do Brasil vivem uma situação de fragmentação, que faz emergir distintos grupos identitários e graves conflitos no seio das comunidades de fé. Por meio de uma pesquisa-intervenção, realizada em numa paróquia católica na região metropolitana de Curitiba, procedeu-se a uma cartografia dos processos de subjetivação (criação de modos de existência) da juventude católica nessa comunidade. Pretendeu-se, com a cartografia, colocar em evidência tanto o modo como tais processos de subjetivação são forjados quanto as *linhas de fuga* presentes nesses processos. A utilização da pesquisa-intervenção como tática para a realização da cartografia possibilitou a constatação de que, mesmo no interior dos grupos identitários, há brechas no instituído, por onde se pode fazer passar outras intensidades, com vistas à promoção de modos de existência menos fechados e mais afirmadores de uma unidade que não abre mão da pluralidade e da diferença.

Palavras-Chave: Processos de subjetivação. Cartografia. Juventude. Grupo-dispositivo. Pesquisa-intervenção.

Abstract

The present study results from a research motivated by the fact that many Catholic youth in Brazil live a fragmented situation that brings out distinct identity groups and serious conflicts within communities of faith. By conducting a research intervention in a Catholic parish in the metropolitan region of Curitiba, we proceeded to mapping the subjectivation processes (creation of modes of existence) of Catholic youth in this community. It was intended to make a cartography to highlight both how such subjectivation processes are forged, as the *lines of flight* present in these processes. The utilization of intervention research as a tactics to perform the mapping allowed us to observe that even within the identity group there are gaps in the set where other intensities can go through in order to promote modes of existence less closed and more affirming the unit without losing plurality and difference.

Keywords: Subjectivation processes. Cartography. Youth. Device group. Intervention research.

Artigo recebido em 20 de março de 2012 e aprovado em 26 de junho de 2012.

* Doutora em Teologia (EST/IEPG). Professora Adjunta no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Teologia na PUCPR. País de origem: Brasil. E-mail: mresperandio@gmail.com

** Mestre em Teologia (PUCPR). Padre Católico. Assessor do Setor Juventude da Arquidiocese de Curitiba. País de origem: Brasil. E-mail: pe.alexcordeiro@gmail.com

Introdução

Desde meados dos anos 1980, constata-se o crescimento de novas expressões religiosas no meio da juventude católica. Esse processo atinge seu ápice no início do século XXI, com a conseqüente configuração de uma pluralidade de grupos de juventude no interior do catolicismo, desde as diversas comunidades de base, com muitos grupos de jovens de Pastoral da Juventude (PJ), como, também, o Ministério Jovem da Renovação Carismática Católica (MJ RCC), e uma organização de retiros de Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC).

Se, por um lado, tal pluralidade pode ser vista como saudável e até desejável em função de oferecer aos jovens várias alternativas de identificação e pertencimento no interior da própria religião, por outro lado, a relação entre os diferentes grupos passou a ser mais de defesa da identidade religiosa do grupo do que de cooperação entre si, tendo, como efeito, uma configuração grupal fechada à produção do comum e da unidade espiritual entre os grupos distintos.

Na Comunidade pesquisada, objeto deste estudo, os jovens se encontravam em situações conflitantes profundas, com discórdias históricas e desconforto há vários anos. As três expressões juvenis (TLC, PJ e MJ RCC), clara ou veladamente, disputavam entre si os espaços de controle dos grupos juvenis presentes nas comunidades católicas de base. E, apesar dessa disputa, todos eram jovens que trabalhavam pelos jovens, na mesma comunidade paroquial da mesma Igreja Católica.

Era desejo do pároco local, que assumiu o cargo no início de 2010, valorizar a diferença presente nos grupos e, ao mesmo tempo, favorecer novas formas de organização eclesial, a fim de que a diversidade, ao invés de funcionar como expressão de fragmentação e impedimento a uma convivência de maior comunhão, possa constituir-se como potência no processo de produção da unidade da Igreja. Como produzir, então, maior unidade sem supressão das diferenças? Como alcançar uma unidade eclesial fora dos processos homogeneizantes de produção identitária no interior da Igreja? Como ser, simultaneamente, Igreja diversa e una? Motivados pelo pároco, com o apoio do líder nacional da juventude, e

aproveitando a ocasião para um estudo acadêmico sobre essa experiência, alguns jovens aceitaram o desafio de iniciar esse processo¹.

Assim, o estudo teve por finalidade evidenciar os *processos de subjetivação* (criação de modos de existência) dos jovens nessa paróquia. Os resultados alcançados já têm servido como ponto de partida para o planejamento de novas políticas de atenção à juventude católica. Quer-se, pela via do trabalho com grupos nas comunidades de fé, buscar alternativas possíveis de superação de uma realidade que diminui a potência dos jovens quando estes se prendem a certos limites identitários.

O objetivo deste artigo, portanto, é apresentar a cartografia da pesquisa-intervenção realizada nessa comunidade de fé. Assim, partindo de uma discussão sobre o contexto juvenil católico, apresenta-se o método utilizado na pesquisa, seguindo-se, daí, a exposição dos achados na pesquisa intervenção. Por fim, faz-se uma breve discussão sobre as implicações teológico-pastorais que o estudo aponta.

1 Processos de subjetivação dos jovens católicos: o que a cartografia faz ver?

Começamos por esclarecer o que é subjetivação. Trata-se de um conceito foucaultiano bastante explorado por Deleuze.

Os estudos de Foucault sobre o poder levaram-no a lidar com uma *necessidade conceitual* que pudesse representar a possibilidade de transpor aquilo que foi estabelecido pelo poder e pelo saber, fazendo nascer novas configurações do social, novas formas de existência. Assim, Foucault chega à ideia de subjetivação. Subjetivação, portanto, diz respeito à criação de modos de existência, de estilos de vida,

[...] ou da invenção de possibilidades de vida. [...] Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder, bem como se furta ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles. (DELEUZE, 1992, p. 116)

Como caracterizar os processos de subjetivação dos jovens católicos hoje? É necessário colocar em prática o método de pesquisa escolhido: a cartografia. Quando

¹ Essa experiência de intervenção ocorreu, portanto, como fruto de uma necessidade local no trabalho com os grupos de jovens e como estudo acadêmico em nível de pós-graduação (mestrado).

buscamos visibilizar os modos de subjetivação de determinada configuração histórica e social, isto é, fazer uma cartografia. Apresentar os grupos constituídos na comunidade pesquisada, evidenciando seu caráter identitário, contextualizando-os num universo mais amplo do que o interior da comunidade de fé é, pois, o início de uma prática cartográfica. A cartografia² busca “o processo, a história, o movimento. Na cartografia buscam-se as condições que possibilitaram a emergência do atual, ou seja, os processos que possibilitaram e produziram subjetivações” (ESPERANDIO; LOPES, 2011, p. 164). Por essa razão, é preciso retroceder um pouco na história, mas não como uma busca pela origem. Como explica Deleuze,

[...] não buscaríamos origens, mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegariamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de “a atualidade”. (DELEUZE, 1992, p. 109)

Nesse sentido, essa forma de apresentação da pesquisa realizada já se baseia no método escolhido. Na prática da cartografia, busca-se capturar o desenho das linhas que constituem territórios existenciais. Por território entende-se tanto

[...] um espaço vivido, quanto um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 323)

Ressalta-se que um território pode se “desterritorializar”, isto é, abrir-se, engajar-se em processos de diferenciação. Tais processos de diferenciação – também denominados *desterritorialização* – podem desembocar tanto em mudanças na forma desse território, quanto podem provocar sua própria dissolução. Assim, um processo de *desterritorialização* – de mudança e/ou de desmanche de dada configuração – implicará, também, *reterritorialização*, ou seja, uma tentativa de recomposição desse território desterritorializado: um movimento contínuo, portanto, de produção subjetiva de criação de um território que se transforma, desterritorializa-se e reterritorializa-se em novas formas/configurações.

² Para maior aprofundamento a respeito da cartografia como método de pesquisa em Teologia, ver: Esperandio e Lopes (2011).

Deleuze (1998) afirma que tanto as configurações do social quanto as singularidades pessoais são constituídas por pelo menos três linhas: as *linhas da segmentaridade dura*, as *linhas flexíveis* e as *linhas de fuga*.

As *linhas de segmentaridade dura* são “todas as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções” (DELEUZE, 1998, p. 145). Por exemplo, o percurso linear da família à escola, da escola ao exército, do exército ao trabalho, do trabalho à aposentadoria. “São linhas bem visíveis e fáceis de detectar, geralmente referentes à formação dos sujeitos. As linhas de segmentaridade dura comportam dispositivos de poder que definem as relações” (ESPERANDIO; LOPES, 2011, p. 164). Já as linhas flexíveis “traçam modificações pequenas, perpassando os indivíduos, os grupos, as sociedades. São apreendidas pelo desejo, pelo estético, pela atração ou repulsa” (ESPERANDIO; LOPES, 2011, p. 164). Por fim, as linhas de fuga “correspondem à desterritorialização, à queda vertiginosa, à edificação de algo novo, que desestabiliza e gera angústia, posto que não se sabe ao certo qual sua destinação” (ESPERANDIO; LOPES, 2011, p. 164).

A cartografia, como método, busca, então, desemaranhar essas linhas, visibilizando-as no estudo dos processos de subjetivação.

A convergência de forças na década de 1960 viabilizou o borbulhar de novas formas de *subjetivação* juvenil. Abandonando um lugar passivo em relação às formas de organização do mundo adulto, os jovens assumiram um papel fundamental na construção dos modos de existência ocidentais. Mas essa conquista não se deu de modo pacífico. Maio de 1968 e os demais movimentos que dele decorreram apontam uma nova compreensão que a própria juventude fez de si mesma nesse período.

Os anos 1960 foram marcados, no Ocidente, pela eclosão de uma cultura juvenil nunca antes tornada visível na cena pública. Teria se dado, naquela ocasião, uma mudança radical nos modos pelos quais as gerações se relacionavam [...] Massas de jovens, coesas justamente por conta de sua relativa homogeneidade etária, entraram bruscamente no espaço da cena pública, buscando inventar os seus próprios territórios existenciais e políticos. (ANGRA DO Ó, 2009, p. 25)

Internamente, na Igreja, um alvorecer de novas ideias, impulsionado pelo Concílio Vaticano II, abriu as portas das estruturas eclesiais para o *novo tempo* que se descortinava no Ocidente. Além disso, os leigos abandonaram uma forma mais passiva em relação às

decisões hierárquicas, para assumir um papel protagonista na história da Igreja, propiciando aos jovens um novo espaço de expressão de seu ser, recentemente emancipado. As transformações propostas pelo Concílio Vaticano II (abertura eclesial ao mundo moderno e fortalecimento do laicato), ao comporem forças com a nova juventude dos anos 1960 viabilizaram a emergência dos diversos Movimentos Juvenis fortemente presentes em todo território nacional até nossos dias – como o TLC e a RCC; bem como o surgimento, na América Latina, de um novo modo de se fazer teologia: a Teologia da Libertação, impulsionada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) e suas conferências de Medellín e Puebla – que possibilitaram a organização e reflexão das Pastorais da Juventude. Essas “linhas de força” (Teologia da Libertação, TLC e RCC, Concílio Vaticano II, apenas para mencionar algumas) entraram em relação com as gerações contemporâneas, fazendo nascer algumas configurações na comunidade de fé pesquisada:

- 1) O grupo denominado Treinamento de Liderança Cristã (TLC). Especialmente “depois de 1969, nasceram com grande rapidez numerosos movimentos de jovens. Estes movimentos promoveram encontros [...] [que] empregavam metodologia de impacto emocional” (CELAM, 1987, p. 61). Muitos deles existem com muita força até nossos dias, caracterizados pela emoção, arte, beleza, alegria e por um olhar positivo sobre a potencialidade de os jovens assumirem seu papel na Igreja. O Treinamento de Liderança Cristã surgiu como uma dissidência do Cursilho de Cristandade (encontro querigmático para adultos surgido na Espanha, no final do Século XIX). Segundo o *site* do movimento (TLCC, 2012), o trabalho evangelizador do TLC tem como principal atividade a realização de encontros de finais de semana. São dois dias de encontro com diversas palestras de cunho querigmático, de tom alegre e cheias de testemunhos pessoais dos dirigentes. Três etapas ajudam os participantes a se encontrar consigo mesmos, com a pessoa de Jesus Cristo e com os irmãos. Muita música e dinâmicas conduzem os cursistas a uma decisão pessoal de adesão à proposta do Evangelho e uma profunda mudança nos valores que direcionam suas vidas.
- 2) O “Ministério Jovem da Renovação Carismática Católica” (MJ RCC). Desde o início do Século XX, aportaram no Brasil diversas experiências religiosas que ficaram conhecidas como pentecostais. As forças do capitalismo moderno e

contemporâneo, ao comporem com aquelas linhas decorrentes do Maio de 68 – que exaltavam a emoção, a liberdade e a criação – viabilizaram a emergência de modos de experimentação religiosa que exacerbam a realização dos desejos e sonhos, trazendo à baila o emocional, a experiência pessoal, a escuta do interior, contrapondo-se aos modelos religiosos mais racionais, característicos das Igrejas protestantes tradicionais e da maioria dos católicos da modernidade (ESPERANDIO, 2006, p. 95-106). As primeiras experiências da RCC – a expressão pentecostal da Igreja Católica – ocorreram nos EUA, também como fruto de novas experiências proporcionadas pelos tentes da renovação do Concílio Vaticano II. A RCC surgiu e desenvolveu-se primeiramente no meio juvenil. Aos poucos, porém, o mundo adulto foi sendo cativado e passou a participar mais ativamente do movimento. Por isso, com o passar dos anos, sentiu-se a necessidade de uma organização própria dentro da RCC, para articular a evangelização específica da juventude do movimento. Essa organização chamou-se, primeiramente, “Secretaria Marcos” e, alguns anos depois, foi denominada “Ministério Jovem da RCC”, contando, hoje, com uma organização que atinge praticamente todas as dioceses do Brasil. O Ministério Jovem da RCC é, em nossos dias, uma das maiores agremiações da juventude católica brasileira.

- 3) AS Pastorais da Juventude (PJ). Diversos movimentos, como o TLC e a RCC, cresceram e se desenvolveram sem o apoio direto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ou outras estruturas oficiais da Igreja do Brasil. Contudo, sem sua existência não seria possível a criação das Pastorais da Juventude (PJs), a organização que contou com o apoio da hierarquia, em especial nas décadas de 1980 e 1990. A emergência das PJs ocorreu num período em que houve um significativo aumento do número de jovens que participaram dos movimentos de encontro e pretendiam dar continuidade em sua participação eclesial. Uma nova forma de ser Igreja jovem surgia. Se na década de 1970 valorizava-se a emoção, a poesia, o “sentir” mais do que o “agir”, os anos 1980 viram florescer uma nova juventude. A militância renascia na Igreja jovem, adormecida havia algumas décadas, com o final da Ação Católica Especializada e a repressão do Regime Militar. Mas, então, essa militância ressurgia alimentada por uma teologia – a da Libertação, uma pastoral e

uma espiritualidade próprias (ESPERANDIO, 2006). Animados pelo documento de Puebla (1978), os bispos do Brasil apoiaram a criação oficial da nova estrutura evangelizadora, que articulasse os grupos paroquiais de jovens, criando uma “Pastoral da Juventude”, ou simplesmente PJ. Esta foi considerada a única expressão válida e oficial na evangelização católica juvenil por cerca de duas décadas.

Durante os anos em que as Pastorais da Juventude foram consideradas as únicas expressões oficiais na evangelização da juventude católica brasileira (década de 1980 até meados dos anos 2000), não foram poucos os embates entre seus membros e as demais expressões juvenis católicas que surgiram nas décadas anteriores. Os movimentos juvenis foram, durante muitos anos, forçados a caminhar entre duas posições: ou adequar-se aos moldes apresentados pela pastoral oficial (no modelo da PJ) ou organizar-se para além do apoio oficial da hierarquia, representada pela CNBB, posto que sua *identidade* nunca foi, de fato, reconhecida com válida nesse período. Não faltaram críticas àqueles que não se submetiam aos seus ditames.

No auge das Pastorais da Juventude, em 1987, o Conselho Episcopal Latino-Americano lançou o estudo intitulado “Pastoral da Juventude, sim à Civilização do Amor” no qual caracterizou os movimentos como alienantes, com pouca consciência crítica, não vinculados à estrutura oficial e, por isso, sem possibilidade de controle institucional.

Algumas das críticas feitas pela Conferência sobre os Movimentos assim versam: não despertam consciência crítica diante da realidade; arregimentam membros da hierarquia, independentemente da organização das Igrejas locais; não seguem os planos pastorais das dioceses e nacionais; versam apenas sobre os problemas da classe média homogênea e internacional; a literatura é sempre internacional (insinuação de ingerência estrangeira em território nacional); trazem respostas às aspirações da classe média, sem questionamento das opções profissionais e políticas de seus membros; usam de força psicológica, afetiva e centrada nas emoções; não insistem em formação teológica, acentuando-se mais a emotividade do que a intelectualidade; valorizam uma salvação que se centra apenas nos pequenos dramas pessoais e familiares (CELAM, 1987, p. 62-63).

Em outras palavras:

[...] a instituição oficial não soube escutar a voz dos novos tempos que já haviam surgido em 1968 e agora explodiam de vez no catolicismo latino-americano. Claramente, a hierarquia desqualifica a emoção, o afeto, os problemas pessoais, supervalorizando-se a estrutura oficial, a racionalidade, a militância – as linhas duras e inflexíveis de sua instituição. Não houve, neste período histórico, a acuidade para enxergar os novos modos de subjetividade surgindo no meio eclesial. (LOPES, 2011, p. 70)

Ou, seja, ainda imperava a tendência a tudo uniformizar. O embate entre as Pastorais da Juventude e os movimentos continuou pela década de 1990 afora, levando a verdadeiras disputas e choques nas comunidades da base. Porém, por mais esforços que se fizessem, os movimentos cresciam e multiplicavam-se, fragmentando mais e mais as estruturas oficiais.

A CNBB foi cada vez mais percebendo a necessidade de realizar algo novo em sua organização. Porém, apesar de entender a gravidade da situação, continuou mantendo a *oficialidade* apenas às Pastorais da Juventude até meados da década de 2000, sempre considerando a reversibilidade da tendência de crescimento dos movimentos juvenis. Naquele momento, não se percebeu com a devida acuidade as transformações da subjetividade juvenil e a necessidade de se abrir espaços para as novas formas de organização que essas subjetividades produziam.

O conflito entre as estruturas oficiais da CNBB e os diversos grupos emergentes apontam, assim, algo além de uma suposta desorganização institucional. O conflito entre modelos eclesiais expressa modos diferentes de perceber, ser e estar no mundo. Desestabilizando as relações, tais conflitos oportunizam um processo de desterritorialização, em função do choque entre diferentes modos de subjetivação. As desestabilizações causadas pelos conflitos identitários dos grupos evidenciam não apenas o fechamento dos grupos em si mesmos, na defesa de sua identidade. Elas também apontam, simultaneamente, as brechas no instituído que possibilitam novas configurações, afirmativas da vida. É o que se poderá perceber com a pesquisa.

2 A tática cartográfica – a pesquisa-intervenção

A oportunidade para a realização da pesquisa-intervenção em paróquia na Região Metropolitana de Curitiba surgiu após a busca de uma comunidade que pudesse refletir a

situação que emergia em diversos locais do país. Colombo é um município vizinho a Curitiba, com cerca de 215 mil habitantes. É parte integrante da Grande Curitiba e um dos municípios que mais cresce populacionalmente na Região Metropolitana. É a 8ª cidade do Paraná em população, tendo sido composta, primeiramente, pela colonização italiana do final do século XIX (ENOMOTO, 2004, p. 64). Durante o século XX e nestas décadas iniciais do XXI, o número de habitantes cresceu de modo significativo com a chegada de famílias vindas do interior do estado do Paraná. A maior parte da população é de classe média baixa, com uma parcela consideravelmente empobrecida. Muitos bolsões de pobreza crescem de modo desordenado em muitas localidades. A violência grassa em muitas localidades, como decorrência, sobretudo, dos problemas relacionados a droga e a drogadição.

A convergência dos modelos católicos tradicionais das colônias italianas com as experiências das comunidades advindas de outras localidades tradicionais do interior do Paraná, junto com a realidade de pobreza e exclusão vivenciada por uma parte considerável dos fiéis, fez surgir um catolicismo deveras forte, tradicional e com impacto transformador, sentido por meio das diversas pastorais sociais e organizações comunitárias, que fazem com que a presença da igreja na sociedade colombense seja muito marcante. O município possui cinco paróquias, que se organizam em dezenas de comunidades eclesiais de base³, articuladas entre si. Todas as paróquias de Colombo apresentam grande movimentação pastoral, com diversos movimentos e organizações eclesiais e consagradas. A Paróquia Santa Teresinha de Lisieux é, atualmente, a maior. Possui 20 comunidades eclesiais organizadas em um território com cerca de 80 mil habitantes. A juventude presente nessa paróquia articula-se em cerca de 25 organizações juvenis agregadas ao redor de 3 movimentos aqui apresentados: Pastoral da Juventude – o mais presente e forte; o Ministério Jovem da Renovação Carismática Católica; e o Movimento Treinamento de Liderança Cristã (TLC).

Após os primeiros contatos com essa comunidade, constatou-se algumas dificuldades de integração entre as organizações juvenis: disputas por espaço intracomunidade, problemas para dialogar, presença de lideranças que ora

³ Comunidades menores, que se agregam às paróquias e recebem orientação e serviços do pároco local.

supervalorizavam uma identidade grupal, ora outra, enfim, havia um grande fechamento à diferença e à alteridade em função da defesa da identidade fixa de cada grupo – uma identidade que se cristalizava e se enrijecia diante de cada desestabilização de seu território.

O pároco local, percebendo o problema sentido pelos jovens, sugeriu-lhes a busca de caminhos de maior comunhão. Diante dessa realidade, pesquisador e orientadora, buscaram desenhar, em conjunto com as lideranças da comunidade local, as estratégias de uma *pesquisa-intervenção*:

A Pesquisa-Intervenção é uma forma de Pesquisa Participativa, ou seja, um trabalho no qual o papel ativo e protagonista das pessoas envolvidas no estudo é considerado fundamental. O grupo não é apenas um simples objeto de estudos para o cientista. Pesquisador e pesquisados formam como que um só grupo, quebrando a dicotomia entre sujeito e objeto de pesquisa. (LOPES, 2011, p. 29)

É necessário destacar, porém, que a *intervenção* não é qualquer tipo de pesquisa participativa, nem pode ser confundida com a pesquisa-ação. Embora nos dois modelos haja participação ativa do/a pesquisador/a no grupo pesquisado, a pesquisa-ação tem por objetivo principal a conscientização do grupo a respeito de sua condição oprimida e pretende oferecer “oportunidades para que, a partir da concepção pré-estabelecida teoricamente, todos possam construir novas percepções a respeito de si e da situação social vigente. O mote deste tipo de análise é ‘conhecer para transformar’” (LOPES, 2011, p. 29). Em outras palavras, enfatiza-se uma *verdade* conhecida *a priori* pelo/a pesquisador/a que, servindo-se dessa mesma verdade, da qual é porta-voz, busca *conscientizar* os participantes do grupo a respeito dela. “A *pesquisa-intervenção*, por sua vez, relativiza a ideia de *verdade*, e opta por outro princípio: ‘transformar para conhecer’” (LOPES, 2011, p. 29).

Como tática da pesquisa-intervenção, buscou-se criar um *grupo-dispositivo*, apostando que as relações de forças experienciadas nesse grupo seriam capazes de favorecer novos processos de subjetivação. *Dispositivo* é, segundo Foucault, a rede que se pode estabelecer entre elementos discursivos e não discursivos, o dito e o não dito, o jogo que existe entre os elementos discursivos e não discursivos, mudanças de posição, modificações de funções, enfim, “um tipo de formação que, em um determinado momento

histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1999, p. 244).

O *grupo-dispositivo* foi criado como tática de intervenção e reuniu 15 jovens participantes dos diversos grupos juvenis presentes e atuantes na comunidade pesquisada, a saber: TLC, PJ e MJ RCC. Através dessa estratégia pretendeu-se: cartografar os processos de singularização ali produzidos; caracterizar as identidades grupais e os modos de pertença dos vários grupos de juventude da comunidade; evidenciar brechas no instituído que apontavam possibilidades de criação de novos modelos eclesiais de vivência coletiva da fé.

Optou-se por escolher jovens nas lideranças de grupos de base que tivessem conhecimento da história, metodologia e perspectivas do grupo que se estava representando. Foram selecionados jovens com idade superior a 18 anos e inferior a 29, considerando a determinação da ONU na definição do que seja juventude (pessoas com idade entre 15 e 29 anos)⁴, que fossem lideranças atuantes de um dos movimentos ou pastorais de juventude da Arquidiocese de Curitiba presentes na comunidade pesquisada.

Por liderança entende-se, aqui, jovens que tenham a formação necessária para refletir sobre a identidade de seu grupo e, ao mesmo tempo, possam conduzir atividades em suas comunidades locais. O grupo-dispositivo precisaria ser plural e sem hegemonias, portanto, procurou-se, a princípio, escolher do modo mais equitativo possível o número de jovens representantes de cada expressão católica juvenil. Esse número, porém, conforme verificado mais adiante, não se manteve fixo durante os encontros.

Não foram aceitos jovens que não tivessem tempo suficiente de participação em sua expressão juvenil, que não a conhecessem adequadamente ou não pudessem conduzir atividades com os grupos. Para esse processo de escolha foi de fundamental importância a participação efetiva das coordenações locais, indicando jovens que consideravam capacitados o suficiente para participar do estudo.

A cartografia dos processos de subjetivação dos jovens católicos dessa comunidade foi sendo realizada através do acompanhamento do grupo-dispositivo. Assim, os encontros foram registrados em vídeo e também foram anotadas todas as falas dos participantes

⁴ Mais tarde, adultos assessores que acompanham os processos de evangelização juvenil na paróquia também aderiram à proposta, a pedido dos próprios participantes do estudo, conforme poderá ser verificado mais adiante.

durante os encontros, a fim de se verificar os processos de reconfiguração das subjetividades a partir de suas falas e posturas nas reuniões.

A proposta planejou, em princípio, a realização de 4 encontros, com duração aproximada de 90 minutos. Ao final da quarta reunião, porém, o grupo sentiu a necessidade de continuar os trabalhos com a presença do pesquisador por mais algumas semanas. A pesquisa englobou ao todo, a realização de 8 reuniões (uma delas sem a presença do pesquisador – a oitava – com relatório encaminhado a ele), além do acompanhamento dos debates via e-mail, conforme sugestão do próprio grupo, e do acompanhamento de uma atividade construída coletivamente tendo em vista a descoberta de problemas comuns a ser enfrentados por eles enquanto comunidade de fé. A seguir, descreve-se o desenrolar dessas atividades e o desenho cartográfico do caminho percorrido pelo grupo-dispositivo. Vale registrar que esta pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

No *primeiro encontro* do grupo-dispositivo, evidenciou-se a forte organização *geográfica* a delimitar os territórios dos grupos. Percebia-se claramente a divisão e a tribalização entre os participantes pelos agrupamentos no espaço ocupado. PJ, TLC e MJ RCC ficaram sentados em grupos distintos na sala, que estava organizada em círculo. Essa configuração perdurou até o final, na realização da atividade de 10 de outubro, com algumas pequenas mudanças em algumas reuniões.

Segundo Deleuze, (1998), a primeira “dobra” da subjetivação (processo de criação de modos de existência) corresponde à ordenação dos corpos e sua configuração geográfica. Os corpos dos jovens organizam-se a partir da identidade do grupo a que pertencem, permanecendo perto uns dos outros de acordo com a proximidade ideológica de cada expressão grupal – reproduzindo o modo identitário como se posicionam no território eclesial. A fragmentação em grupos distintos, tribais, e hostis aparece no modo como ocupam os espaços, e delimitam as fronteiras dos territórios físicos de proteção diante do mundo perigoso do *outro*. Nada há mais seguro do que o pequeno grupo a que se pertence, pois todo o resto, especialmente as grandes instituições, é incerto e arriscado para essas subjetividades.

Quais são as condições para o surgimento dessa configuração? Segundo Virno (2003), nossas sociedades estabeleceram-se e organizaram-se a partir da insegurança

primária do ser humano diante do mundo, que a princípio se apresenta hostil. A “cidade”, “vila” ou “tribo” primitivas significava a segurança diante do *outro* – diferente e, talvez, perigoso – e das forças desconhecidas e hostis da natureza e seus animais selvagens. Na “pólis”, o ser humano sentia-se em casa, seguro, e com capacidade para mais vida. Nela se está com os “seus”, que defendem do inimigo, dão estabilidade e o mínimo de conforto para se poder sobreviver diante da hostilidade do mundo. O “outro” é o inimigo potencial, dessa organização e pode destruir o mundo tranquilo que existe dentro dos muros da cidade. O corpo analisador desse modo de organização social é o *muro de proteção* a cercar as cidades e tribos há até poucos séculos atrás, bem como as fronteiras bem marcadas e protegidas dos Estados, com suas aduanas e fiscalização protetora (BENEDETTI, 2009, p. 19).

Esse modo de subjetivação perdurou por séculos e encontrou seu auge na organização dos Estados Absolutos do início da Modernidade, que, por intensificarem a *identidade* do povo (com cultura e organização próprias), produziram guerras e mortes, inquisições e cruzadas; e, por último, os grandes conflitos xenofóbicos do século XX.

Essa configuração social fez surgir modelos eclesiais fechados, ligados a *regimes de verdade* incapazes do diálogo com o “outro”, considerado *herege* e posto para *fora* da *comunhão*, excluído para o exterior dos *muros* eclesiais. A Igreja Católica (e, também, outras), com seu regime de verdades medievais e modernas, transformou os muros físicos das cidades em muros invisíveis. E, no seio da própria Igreja, o muro que separava o “eu-eclesial” do “outro-herege”, evoluiu para as separações internas às próprias organizações eclesiais e seus regimes de verdade: o “eu-PJ” e o “outro-herege”, o “eu-RCC” e o “outro-herege”, o “eu-TLC” e o “outro-herege” (sendo que, por “outro” se compreende o movimento ou pastoral “concorrente”). Mas, como o próprio desenrolar desta pesquisa vai evidenciar, esse modelo de organização social e eclesial está submergindo. Brechas são abertas e novos modos de subjetivação, mais afeitos à pluralidade, estão brotando. Os jovens começam a viver a insegurança da desterritorialização desses modelos antigos e, alguns, arriscam-se a caminhar em novos territórios.

No *segundo encontro*, o objetivo principal foi caracterizar as identidades grupais e os modos de pertença nos vários grupos de juventude paroquial, dando continuidade ao primeiro encontro, a fim de que os jovens conhecessem mais profundamente as demais

expressões presentes na paróquia. Durante os diálogos desse segundo encontro, um dos participantes da PJ, deixou vislumbrar uma possibilidade de linha de fuga para as situações conflitantes vividas por aqueles jovens. Ele, membro da PJ, queixou-se da maneira como os membros adultos da Paróquia excluía a RCC e o TLC das reuniões deliberativas acerca da condução pastoral da mesma. Sua fala provocou mudança visível de humor em todo o grupo, que começou a perceber a possibilidade de verdadeira mudança nos comportamentos excludentes de suas estruturas.

Alguns jovens do grupo-dispositivo deixaram transparecer a frustração com os regimes de verdade da instituição “Igreja” e seus muros preconceituosos, visíveis pela exclusão para com os membros da Renovação Carismática Católica. O único saber aceito como legítimo pela instituição, em suas linhas duras e inflexíveis, não contemplava a diversidade da RCC e do TLC. O medo da desestabilização desses saberes naturalizados impedia a abertura e o confronto com a alteridade dos movimentos.

A concordância dos jovens com as observações feitas por este participante ratificava o descrédito de alguns membros do grupo para com as racionalizações de caráter tipicamente moderno: totalizadoras, impositivas e homogeneizantes. Evidenciava-se, naquele encontro, o modo como os jovens estavam dobrando o “fora” nas relações entre saber e verdade (DELEUZE, 1998, p. 111).

Algumas subjetividades contemporâneas, especialmente as juvenis, não se sentem à vontade nas instituições pautadas em *verdades unificadoras*. Nenhum povo, Estado, filosofia ou teologia faz o ser humano sentir-se-em-casa em nossos dias. Toda uniformização, imposição ou fundamentalismo gera desconforto em nossos coetâneos. Estes não encontram segurança em lugar algum.

A insegurança é dobrada, internalizada, assimilada pelas subjetividades de nossos tempos. Prefere-se permanecer nela a ter de retornar às falsas seguranças modernas e medievais. A maioria das pessoas não se sente em casa com esses modelos, tampouco procura sentir-se. Para elas, vale a pena o risco da desterritorialização, a fim de descobrir novos modos de existência não mais pautados por aquelas verdades totalizadoras. E, se não me sinto em casa na segurança da “pólis” – dentro dos muros das verdades rígidas da Igreja –, “preferirei o risco da liberdade e me protegerei da falsa segurança que as instituições oferecem” (LOPES, 2011, p. 94).

Conforme acordado entre todos, o *terceiro encontro* objetivou a descoberta de problemas comuns a ser elencados por todos e sobre quais lacunas o grupo gostaria de desenvolver um trabalho em conjunto. Os jovens descobriram que seus problemas eram semelhantes, apesar das diferenças de suas identidades: a violência e a dependência química eram questões importantes no contexto em que a comunidade de fé estava localizada.

A extrema violência a que são submetidos os jovens gera neles um desejo de segurança – como uma busca *ética* por mais vida. Nesse seu território comum, todos se encontram com as mesmas fragilidades, os mesmos medos e a mesma necessidade de encontrar saídas para essas situações. Ao olhar para si mesmos, os jovens descobrem-se unidos pela fragilidade, ao mesmo tempo que suscitam, do meio do seu caos, possibilidades de fuga para essas situações de morte. O caos não é o oposto da ordem, mas, sim, potência de novos territórios. Segundo Esperandio (2001, p. 65), na fragmentação caótica não há nada a assegurar nem em que se segurar. “O caos possibilita a criação – [...] campo das incertezas, dos possíveis, onde todas as possibilidades pululam, sem formas *a priori*, sem indicação de escolhas” (ESPERANDIO, 2001, p. 65). Somente no caos o novo se produz. Somente da desterritorialização novas reterritorializações ocorrem e novas formas de subjetividades surgem e se organizam, compondo e recompondo o real.

Os jovens dessa comunidade estão manifestando o desejo de produzir um novo modo de ser Igreja, escapando à uniformização tridentina e à fragmentação própria da contemporaneidade. Estão produzindo uma rede que aponta para a ideia de “multidão”, a partir das profundas dores comuns vividas em suas subjetividades juvenis.

O *quarto encontro* teve como principal objetivo evidenciar as brechas no instituído que possibilitam a criação de novos modelos eclesiais de vivência coletiva da fé, ou seja, como, do caos gerado pela pluralidade de modos de viver a fé, é possível, ou não, a construção de um projeto coletivo comum. O movimento traçado pelos jovens da paróquia pesquisada aponta, nessa altura da intervenção, possíveis linhas de fuga (de possibilidades de afirmação da vida), que começam a aparecer em função de algumas fissuras que surgem no estabelecido.

Nas segunda e terceira reuniões, a partir do confronto com algo que lhes é exterior – o Evangelho – os jovens tribalizados descobriram a incompatibilidade de seus modos

conflitantes e agressivos de se organizar, possibilitando a eles sonhar com um ideal de mais vida. Esse confronto com um “ideal comum” exterior possibilitou o encontro aberto e franco entre eles e o surgimento de novas “conexões” que facilitaram o diálogo e a comunhão. Percebeu-se nos jovens a capacidade de conexão por um *sonho comum*. Os jovens, confrontando-se com os valores do Evangelho, puderam vislumbrar uma linha de fuga e provocar algumas brechas em suas instituições, fazendo um movimento em busca de novas formas de subjetivação – não mais isoladas e identitárias, mas em conexões, aos modos de uma rede.

Os jovens, ao se confrontarem com o Evangelho, descobriram a necessidade de continuar criando “redes” não apenas com os seus iguais, mas com os diversos também. A reterritorialização tornou-se possível porque as condições para o surgimento desses modos “conectados” foram produzidas pelo grupo a partir de seus problemas comuns em confronto com aquilo que querem construir no fora: a realização do Reino pautado nos valores evangélicos. Precisou coragem para se saltar para territórios desconhecidos, ao que a força do Evangelho, chamando todos a uma comunhão mais plena, contribuiu significativamente.

O que se testemunhou junto aos jovens da paróquia pesquisada, ao término desse encontro foi o início de um processo de criação de uma organização em rede, característica de subjetividades juvenis acostumadas à conexão constante. Desejos agenciados. Mistura de corpos, diriam Deleuze e Guattari (2000, p. 21) – corpos dos aparelhos de comunicação e corpos dos jovens misturados na produção do novo.

O projeto de pesquisa, a princípio, previa a realização de quatro reuniões, nas quais se daria a intervenção como possibilidade de geração do novo. Como os encontros cumpriram o objetivo de ser um dispositivo para invenção de linhas de fuga, os próprios jovens solicitaram sua continuidade, possibilitando, também, a participação de mais pessoas (a maioria jovens, mas também alguns adultos), que, sabendo da realização dos encontros, desejavam participar.

Durante o *quinto encontro*, o pesquisador realizou uma dinâmica na qual os participantes puderam expressar como estavam se sentindo com aquelas reuniões. Todos os depoimentos reforçaram uma mudança significativa nas relações entre saber e verdade. Destacam-se as palavras “conhecimento, conceitos, preconceito, convicções, afirmações, conhecer, entender e opiniões” que se colocam como sendo a principal mudança operada

pelo grupo dispositivo nesses jovens. Novas configurações de poder possibilitadas pelos encontros começam a gerar novas formas de verdade. Antigos conceitos foram colocados em questão.

Foucault (1999, p. 14) destaca que “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da ‘verdade’”. O grupo dispositivo colocou em evidência *verdades naturalizadas* que não produziam vida e que colocavam os jovens em conflitos pautados nos saberes estabelecidos, nas militâncias em nome dos conhecimentos esclarecidos, ou do saber teológico. Um dos participantes do MJ RCC destacou: “durante os encontros, pude perceber que alguns conceitos que eu tinha eram errados e distorcidos”. Outro, da TLC e PJ afirmou que “nossas reuniões destacaram a falta de conhecimento do outro e o quanto superficial eram e são as nossas afirmações a respeito do desconhecido”. De fato, em diversos momentos dos encontros anteriores, destacou-se a insistência das práticas discursivas de desconstrução das identidades alheias, seja em cursos (como era o caso da Pastoral da Juventude), seja nos diversos momentos em que o TLC e a RCC utilizaram-se de estratégias de acusação de falta de “espiritualidade” por parte da Pastoral da Juventude. Os três organismos juvenis viveram, por anos, retransmitindo conhecimentos tidos *naturalmente* como verdadeiros, sem sequer uma vez considerar que foram discursos construídos, forjados nas disputas por hegemonia e naturalizados pelas instituições a que pertencem.

“O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder”, afirma Foucault (1999, p. 13). As verdades produzidas pelos grupos naturalizavam esquemas de poder, lutas e disputas por espaço, por influência maior jamais atingida por qualquer um dos três grupos representados. Com as subjetividades colocadas em confronto neste estudo, facilitou-se o surgimento de uma nova configuração dos esquemas de poder, possibilitando a emergência de novos saberes, mais abertos, mais dialogantes. Essas mudanças na subjetividade, que foram sendo possibilitadas a partir da relação entre saber e verdade, provocaram novas formas de configuração do poder e propiciaram novas subjetivações, mais abertas e valorizadoras da vida.

De uma Igreja totalitária, monolítica e tolhedora da criatividade e multiplicidade humanas, os jovens da comunidade pesquisada começaram, por meio do grupo-dispositivo,

a forjar uma nova *teologia*, um novo discurso sobre Deus e seu povo, que possibilita novas práticas pastorais e novos modos de existência cristãos.

O *evento de 10 de outubro – em comemoração ao Dia da Criança* foi planejado como uma espécie de avaliação das possibilidades de unidade em meio à diversidade juvenil da comunidade de fé. Conforme sugestão do próprio grupo na quarta reunião, essa atividade seria como que um *teste* para se verificar se seria possível ou não um trabalho conjunto. No dia esperado, cerca de 800 pessoas, entre jovens, crianças e adultos, estiveram presentes. Os jovens, em sua grande maioria muito empolgados com as atividades, empenharam-se ao máximo para proporcionar àquelas crianças uma experiência diferente, marcada pelos valores do Evangelho. O amor pelas crianças, pelos jovens em situação de risco, pelas realidades de exclusão e de sofrimento possibilitou ultrapassar barreiras do saber pautado no poder homogeneizante. De teologias marcadas pela “excomunhão”, pela divisão, pelo medo do outro, passa-se a teologias de unidade, de fraternidade, de acolhida da diferença, sem medo.

Os processos ainda estão em curso. Brechas foram abertas no instituído e os jovens, pelo menos um número considerável deles, estão decididos a persistir na tentativa de uma caminhada comum, valorizadora da vida e resistente às homogeneizações das suas subjetividades.

3 Implicações teológico-pastorais

Os jovens da comunidade pesquisada, ao afetarem e deixarem-se afetar na pesquisa-intervenção apresentada, causaram brechas na instituição eclesial da qual fazem parte. A cartografia, como método *ad hoc*, possibilitou desemaranhar essas linhas de força que principiaram o emergir de novas subjetivações diante do estabelecido (DELEUZE, 1992, p. 110). Com esse método foi possível acompanhar os movimentos imprevisíveis que foram transformando a paisagem até então vigente. Esta terceira parte do artigo pretende fazer ver o que essas transformações têm a dizer à teologia, de modo especial à eclesiologia.

A intervenção na paróquia pesquisada proporcionou espaço seguro para que alguns jovens dessa localidade desejassem novas formas “geográficas” de ser Igreja e começassem a se aventurar por caminhos pouco percorridos. O que está surgindo nessa comunidade são

novos modelos de ser Igreja que escapam às antigas formas eclesiais de organização. O que começa a emergir não é mais uma organização eclesial monolítica, sem diferenças, mas os muitos grupos que embora identitários, independentes e autônomos, começam a trabalhar com objetivos comuns, estão interligados em redes. Não é mais possível uma organização uniforme e uniformizadora, como ocorreu nos anos 1980 e 1990 com as PJs. Mesmo as tentativas de alguns movimentos para se tornar únicos, como se pudessem substituir a antiga organização hegemônica, frustraram-se.

O mundo antigo, pautado sobre a segurança do interior da “pólis”, do Estado-nação, não resiste ao mundo líquido-moderno (BAUMAN, 2007, p. 7). Uma Igreja monolítica, forjada nesses modos de subjetivação uniformizados também não. Os corpos organizam-se a partir disso, desterritorializando-se das velhas instituições e reterritorializando-se nas tribos. Assistimos, portanto, em meio aos jovens católicos, a emergência de uma nova organização eclesial: não mais grupos de comunidades uniformizadas que se articulam territorialmente, respeitando uma ordem piramidal; mas, sim, grupos organizados sob a forma das tribos urbanas, independentes de território (existencial ou geográfico).

O que os jovens da comunidade pesquisada demonstram é que as diversidades juvenis existentes hoje na Igreja (Canção Nova, *Shalom*, Emaús, PJs, TLC, RCC, *Opus Dei*, *Regnum Christi* e, por fim, cada grupo de jovens) não querem se configurar de modo idêntico aos demais. Pelo contrário, querem construir seu modo de existência cristão, como uma nova forma de *comunidade* na qual os gostos e emoções pessoais se encontram e escapam ao individualismo. O modelo eclesial que surge das novas configurações de Igreja em produção entre esses jovens expressa de modo mais claro a necessidade de se aprofundar a compreensão do que é a diversidade na unidade. Para além das uniformizações pós-tridentinas, a juventude contemporânea pode fazer emergir um modelo eclesial realmente inclusivo, na comunhão dos muitos, na articulação de redes promotoras da riqueza das múltiplas subjetividades, valorizadoras de todo o humano – a verdadeira “catolicidade”, no sentido estrito dessa palavra.

Desde a aceitação do cristianismo como religião oficial do Império Romano, no final do século IV, a pertença à “catolicidade” passou a ser determinada pela presença em um território específico. Ou seja, ser súdito do Imperador significava, *ipso facto*, ser cristão, fazendo parte da comunidade dos que professam a fé. Essa concepção de Igreja como

território naturalizou-se e perdurou por séculos nos meios católicos (e ainda perdura, segundo especificações do Direito Canônico), produzindo um regime de verdade que sustentou poderes e possibilitou a emergência de um laicato pacato e serviçal aos Estados Cristãos e à Igreja em si.

Esse modelo está ruindo por completo em nossas sociedades contemporâneas. A catolicidade, expressa pela pertença a um território (diocese, paróquia) não mais dá conta do que seja a experiência cristã.

O atual momento da história ocidental, momento em que se reconfiguram as relações com o espaço e o tempo, exige de nós clareza teológica. Se, em outros momentos da história, pertença e territorialidade se identificaram sem mais, tal identificação vai deixando de ser tão imediata, tão automática. (AMADO, 2009, p. 67)

Os jovens da paróquia pesquisada, como recorte social de uma situação que atinge mais do que apenas essa paróquia em si, não mais aderem às estruturas simplesmente porque pertencem a este ou àquele espaço geográfico, ou defendam esta verdade ou aquela doutrinária. Eles criam seus ambientes e formam novas maneiras de se relacionar comunitariamente. Se antes a catolicidade se expressava pela pertença a um determinado local eclesial, as subjetividades juvenis relativizam esse modelo e o alteram por uma pertença mais existencial – um “rizoma”, como queriam Deleuze e Guattari (2000, p. 15). “Rizoma” é uma espécie de raiz que não possui um “centro” definido, mas cresce por debaixo da terra, na horizontal. São multiplicidades em uma “rede” de vida e crescimento constantes, na qual não há unidades separadas, mas, sim, apenas a “rede”. No rizoma, o que vale são as interações e as conexões, que sempre produzem novas formas de subjetivação, linhas de fuga que escapam e produzem novas maneiras de se expressar (TURINO, 2008, p. 34).

A Igreja beneficia-se mais com o modelo “rizoma”. Isso porque, atualmente, ela não cresce segundo a ordem e a uniformidade territorial. Ela cresce por agenciamentos, por contágio das subjetividades que veem no Evangelho uma linha de fuga diante do turbilhão de menos vida que se apresenta em nossas sociedades e nas sociedades de todos os tempos.

Outro aspecto a ser considerado: a juventude pesquisada, ao enxergar a dor da violência em meio aos jovens de sua cidade, encontrou como seu ponto “comum” buscar saídas para tal situação. A partir de um olhar claro, que se volta para fora das estruturas

eclesiais, os jovens assumiram uma condição missionária, libertadora e com ações práticas para promoção da vida em meio às situações de morte que encontrou. Essa postura da juventude pesquisada provoca a Igreja toda a se voltar para fora de suas estruturas, a não se fechar como “tribo” em meio ao mundo, mas se assumir como fermento na massa. Este estudo nos ajuda a refletir sobre as posturas de isolamento que podem ser assumidas por membros das comunidades cristãs. Porém, não existe cristão fora do mundo, fora da sociedade, isolado de um contexto histórico e cultural. Para ser fiel ao seu chamado, a Igreja não pode fechar-se em si mesma e esquecer a situação de dor que perpassa seus membros, porque ela mesma é constituída por pessoas que vivem nessa sociedade, forjadas nessa cultura, nesse tempo.

Ao dar o passo para fora, a partir dos conflitos desestabilizadores, para a construção de outras formas de vida mais afirmativas, os jovens da comunidade pesquisada descobriram o quanto podem afirmar a vida criando mais vida. Pela sua ação em meio às crianças e adolescentes de um bairro perigoso de sua cidade, comprovaram que o Evangelho pode significar uma linha de fuga em meio a um contexto de subjetividades limitadas e fragilizadas. Uma Igreja que se isole em seu mundo não é fiel ao Deus que quis se fazer humano (BRIGHENTI, 2004, p. 124).

Conclusão

Os apóstolos reunidos no Cenáculo, impulsionados pelo Espírito, saíram de dentro daquela sala e encontraram-se com os seus, que eram o seu povo, a sua gente. Os cristãos tinham uma mensagem que escapava aos modos de subjetivação que geravam a morte. Tinham a mensagem de mais vida anunciada pelo Cristo. Por isso, não como alguém que impõe uma verdade desde fora, mas como humanos partícipes do mesmo destino, fizeram-se linha de fuga.

Os jovens da comunidade pesquisada, ao sair para fora de suas configurações identitárias, ao se encontrar com a alteridade intraeclesial e fora da Igreja, em meio aos demais jovens daquela realidade, também fizeram a mesma experiência. E na abertura e encontro com a diferença produziram um novo modo de ser Igreja, em comunhão com o mundo, com os diversos grupos, com as diversas culturas.

A Igreja possui a potência para sair de si mesma, escapar às linhas de segmentaridade duras e inflexíveis de suas institucionalizações engessadas e com medo do mundo. Ela é uma instituição feita por homens e mulheres do “hoje”, que professam a fé “agora”. Homens e mulheres que, se embarcarem nas linhas de fuga, podem sentir-se aptos a ser de fato “fermento na massa” e contribuir na produção de outros modos de existência mais afirmativos.

O resultado dessa outra forma de vivência do Evangelho implica uma Igreja mais aberta ao novo, sem medo de sonhar, que possibilita criar linhas de fuga, que não é rígida em suas instituições e é capaz de acolher a diferença em seu seio. Uma Igreja assim será uma instituição realmente apta a se reinventar sem perder o que lhe é caracteristicamente fundamental, a sua unidade (em meio à diversidade) na comunhão com o Cristo.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. P. Igreja e comunidade: aspectos pastorais. In: BRIGHENTI, A.; CARRANZA, B. (Org.). **Igreja, comunidade de Comunidades**. Brasília (DF): Ed. CNBB, 2009. p. 62-71.

ANGRA DO Ó, A. A cultura é a inversão da vida. Velhice, juventude e política nos idos do maio de 1968. **Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 98, p. 22-27, jul. 2009.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENEDETTI, L. R. Comunidade: aspectos sócio-antropológicos. In: BRIGHENTI, A.; CARRANZA, B. (Org.). **Igreja, comunidade de Comunidades**. Brasília (DF): Ed. CNBB, 2009. p. 16-25.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. **Pastoral da Juventude: sim à civilização do amor**. São Paulo: Paulinas, 1987.

DELEUZE, G. **Conversações 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000. v. 1.

ENOMOTO, C. F. **Método para elaboração de mapas de inundação**. Estudo de caso na Bacia do Rio Palmital, Paraná. 122 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Recursos Hídricos e Ambiental) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

ESPERANDIO, M. R. G. **A produção da (In)visibilidade da pessoa portadora de deficiência mental**. Cartografia de uma comunidade Batista. 162 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo (RS), 2001.

ESPERANDIO, M. R. G. **Narcisismo e sacrifício**. Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea. 307 f. Tese (Doutorado em Teologia Prática) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo (RS), 2006.

ESPERANDIO, M. R. G.; LOPES, A. C. A Pesquisa da subjetividade em teologia: notas sobre o método cartográfico. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo (RS), v. 51, n. 1, p. 157-171, jan./jun. 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1999.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do Desejo. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

LOPES, A. C. **Processos de subjetivação de jovens católicos. Cartografia de uma comunidade paroquial**. 170 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Curitiba, 2011.

TREINAMENTO DE LIDERANÇA CRISTÃ DE CURITIBA – TLCC. **História do TLC Nacional**. Disponível em: <<http://www.tlc-curitiba.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

TURINO, F. Rizoma: um método para as redes? **Liinc em Revista**, v. 4, n. 1, p. 28-40, mar. 2008. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/251/142>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

VIRNO, P. **Gramática da multidão**. Para uma análise das formas de vida contemporâneas. Trad. Leonardo Palma Retamoso. Santa Maria: [s.n], 2003. Disponível em: <http://api.ning.com/files/WEhh*WfqWwJnfrxX0t6XxXPIiFIRblb-JSWxRuVovhbRbroYNoIA1Nowb2RVc7M0BpxXQ-vvFgN3ewEzZu8w1b2hW1ThR WjQ/GRAMTICADAMULTIDO.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2008.